
GUIA

PARA FAZER

SEU PRÓPRIO

FILME

EM 39 PASSOS



www.ggili.com.br

Little White Lies
Matt Thrift

GG

Dedicatória do autor: para Vincent

Título original: *The Little White Lies Guide to Making your Own Movie: In 39 Steps*.
Publicado originalmente na Inglaterra em 2017 pela Laurence King Publishing Ltd.

Projeto gráfico e diagramação: TCO London
Ilustrações: Studio MUTI

Tradução: Edson Furmankiewicz
Preparação de texto: Adriana Cerello
Revisão de texto: Grace Mosquera Clemente

Qualquer forma de reprodução, distribuição, comunicação pública ou transformação desta obra só pode ser realizada com a autorização expressa de seus titulares, salvo exceção prevista pela lei. Caso seja necessário reproduzir algum trecho desta obra, seja por meio de fotocópia, digitalização ou transcrição, entrar em contato com a Editora.

A Editora não se pronuncia, expressa ou implicitamente, a respeito da acuidade das informações contidas neste livro e não assume qualquer responsabilidade legal em caso de erros ou omissões.

Os direitos do autor Little White Lies para esta obra foram registrados de acordo com o Copyright, Design and Patent Act de 1988.

© do texto, Little White Lies, 2017, todos os direitos reservados
© da tradução: Edson Furmankiewicz
para a edição em português:
© Editorial Gustavo Gili, SL, Barcelona, 2018

Impresso na China
ISBN: 978-85-8452-116-6
Depósito legal: B. 25739-2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Little White Lies,
Guia para fazer seu próprio filme em 39
passos / Little White Lies ; [tradução Edson
Furmankiewicz]. --São Paulo : Gustavo Gili, 2018.

Título original: The little white lies guide to
making your own movie : in 39 steps.
ISBN 978-85-8452-116-6

1. Cinematografia 2. Filmes - Edição 3. Filmes -
Produção e direção I. Título.

17-09937

CDD-791.4302

Índices para catálogo sistemático:

1. Filmes : Produção e direção : Cinema : Arte 791.4302

GUIA

PARA FAZER

SEU PRÓPRIO

FILME

EM 39 PASSOS

www.ggili.com.br

Little White Lies
Matt Thrift

GG

06. Introdução

10. Preparativos

Preparando-se para fazer seu filme

- 12. Dividindo as tarefas
- 15. *Storyboards*
- 16. Roube dos melhores
- 18. O plano
- 21. Lista de indicações nº 1 – Os mestres
- 23. Orçamento
- 24. Abrace as limitações
- 27. Montagem da equipe
- 29. Lista de indicações nº 2 – Colaboradores
- 30. Locações
- 32. Ensaio
- 34. Equipamento
- 37. Lista de indicações nº 3 – Inovadores

39. Filmagem

Criando seu filme

- 40. Formas
- 42. Composição
- 45. Rostos
- 46. Preto e branco
- 49. Lista de indicações nº 4 – Mágica monocromática
- 51. Plano geral
- 52. Mestres
- 54. Tomada de dois
- 57. Cruzando a linha
- 58. Geografia
- 60. Movimento
- 62. *Zoom*
- 65. *Travelling* frontal e lateral
- 67. Lista de indicações nº 5 – *Travellings*
- 68. Câmera na mão
- 70. Locações internas
- 73. Locações externas

- 74. Hora mágica
- 77. Noite
- 78. Dirigindo
- 81. Tomadas de fugas
- 82. Continuidade
- 85. Cortes
- 86. Diálogo de gravação
- 89. Lista de indicações nº 6 – Som
- 91. Som ambiente

93. Pós-produção

Construindo e aprimorando sua história

- 95. Organizando
- 96. Selecionando o material
- 99. Lista de indicações nº 7 – Versão do diretor
- 100. Ritmo
- 103. Lista de indicações nº 8 – Edição
- 104. Música
- 107. Toques finais
- 108. Encontrando um público

111. Recursos

- 112. Orçamento
- 116. Plano de filmagem
- 120. Lista de verificação do equipamento
- 122. Tabela de tamanhos da tomada
- 124. Planejando suas tomadas
- 126. Lista de tomadas
- 131. Dez recursos-chave

132. Índice

135. Citações

136. Agradecimentos

Guia para fazer seu próprio filme

“E não você quer ser um criador de imagens”, disse o homem com tapa-olho para o adolescente magricela sentado em sua mesa. “O que você sabe sobre isso?”

Era o início da década de 1960, quando um nervoso Steven Spielberg, então com 15 anos de idade, foi conduzido aos escritórios da temível lenda de Hollywood, John Ford. Antes que o vencedor de quatro prêmios Oscar de melhor diretor, o titã cinematográfico responsável pelos sucessos *The Searchers* [*Rastros de ódio*], *Stagecoach* [*No tempo das diligências*] e *The Grapes of Wrath* [*As vinhas da ira*], entrasse na sala, vestido como um grande caçador e manchado de batom no rosto, o jovem ficou observando as pinturas de Frederic Remington nas paredes. O trabalho do artista é caracterizado por cenas líricas e densas de paisagens empoeiradas com cowboys e indígenas norte-americanos.

“Diga-me o que você vê naquela primeira pintura”, murmurou Ford para o curioso iniciante.

Spielberg começou a murmurar algo.

“Não, não, não”, interrompeu Ford. “Onde está o horizonte? Você consegue ver o horizonte? Não aponte para onde ele está. Olhe para todo o quadro.”

Spielberg disse ao velho mestre grisalho que o horizonte estava bem no fundo.

“Muito bem”, disse Ford. “Quando você puder chegar à conclusão de que colocar o horizonte no topo do quadro ou na parte inferior é muito melhor do que colocá-lo no meio do quadro, então algum dia você pode se tornar um bom criador de imagens. Agora saia daqui.”

É fácil pensar que muito mudou na cinematografia desde os dias de aprendizado de Spielberg, como relatado no livro *The Searchers – The Making of an American Legend* (2013), de Glenn Frankel. No nível técnico, você estaria certo. Produzir filmes era um negócio caro, uma busca criativa fora do alcance de qualquer pessoa sem acesso a financiamentos consideráveis e equipamentos profissionais. O advento da tecnologia digital mudou tudo isso. Os meios físicos para fazer um filme agora estão contidos no telefone em seu bolso.

O que não mudou nos últimos cinquenta – ou mesmo cem – anos são as regras básicas do cinema. O cinema é uma linguagem e, como qualquer linguagem, tem seus próprios dialetos, seus próprios atalhos, suas próprias idiossincrasias pessoais. O que permanece constante são as regras gramaticais subjacentes que são visíveis nos filmes e nos programas de TV que assistimos todos os dias. Este é um livro sobre como assistir a filmes e também sobre como fazê-los.

Em seu documentário *A Letter to Elia [Uma Carta para Elia]* (2010), uma carta de amor a seu herói cinematográfico Elia Kazan, Martin Scorsese fala sobre assistir várias vezes ao filme *East of Eden [Vidas Amargas]* (1955), com James Dean: “Quanto mais eu via a imagem, mais entendia a presença de um artista atrás da câmera. Mais tarde voltei e tentei descobrir como ele fez isso, porque isso me afetou muito intensamente: a cor, a atuação, a edição, a edição de som, o movimento da câmera, a iluminação. Eu os estudei”.

Esses são apenas alguns dos elementos que se unem para criar a ilusão cinematográfica. Se você está planejando pegar uma câmera e fazer um filme, ou simplesmente quer uma melhor compreensão de como funciona a linguagem do cinema, nada pode tomar o lugar de assistir à maior variedade de filmes que puder. Realmente assisti-los. Decompondo-os em suas partes constituintes para descobrir como cada um funciona e o que faz para alcançar o efeito emocional ou estilístico desejado.

Eu sou um cinéfilo que começou a escrever sobre filmes como um meio de justificar as centenas e centenas de filmes que assisto

ano após ano. Quanto mais eu escrevo sobre eles, maior o meu desejo de entender como e por que eles me afetam de tal forma. Quero saber quais truques os mágicos tinham na manga procurando por segredos sutis que eles revelam na tela.

Não demora muito para começar a perceber as semelhanças entre os mais distintos estilistas; a maneira como diferentes tomadas ou movimentos de câmera foram feitos, o modo como os padrões de edição ou os efeitos de iluminação podem criar certos climas. Em muitos aspectos, trata-se de assistir a filmes de uma forma diferente, mais objetiva. Um cineasta não quer que você pense conscientemente sobre o que ele ou ela está fazendo com a câmera porque isso lhe afastaria do momento que eles estão tentando criar. Direção é, na verdade, a arte da ilusão, mas tudo está lá se você souber onde procurar.

Este não é um manual técnico, é mais um guia ilustrado para obter uma melhor compreensão dos meios para atingir seus objetivos cinematográficos. Ao decompor o processo de filmagem em suas partes componentes, podemos examinar não apenas como alcançar um efeito específico, mas o que realmente significa e como implementá-lo efetivamente. Mas não se deixe levar apenas por minha palavra; procure os exemplos usados para ilustrar cada capítulo. Veja como os grandes mestres do cinema constroem uma cena usando os elementos discutidos aqui. Encontre também seus próprios exemplos. Veja como eles se comparam, como eles se aplicam ou podem ser adaptados para atender às necessidades de sua própria cena.

O que você usa para filmar seu filme não é importante. O que você escolhe para filmar e como você escolhe filmar é. Em 2015, o diretor americano Sean Baker foi a grande sensação no Sundance Film Festival com seu filme *Tangerine*. Esse filme estridente e de micro-orçamento sobre uma dupla de prostitutas transgêneras foi filmado nas ruas de Los Angeles inteiramente em um iPhone 5s, com um adaptador de objetiva anamórfico que custa menos de US\$ 200. Quando a informação técnica apareceu nos créditos na estreia do filme, provocou engasgos no público e imediatamente iniciou uma guerra pela aquisição dos direitos de comercialização.

Em muitos aspectos, a parte mais difícil do processo de filmagem ocorre muito antes de você decidir pegar a câmera. Fazer a criatividade fluir na etapa da redação do roteiro pode parecer uma

“Quero saber quais truques os mágicos tinham na manga procurando por segredos sutis que eles revelam na tela.”

árdua caminhada que nenhuma quantidade de guias de roteiros pode superar. Simplifique as coisas. Comece a filmar alguma coisa, de qualquer maneira. Filme uma cena, mesmo que seja sem diálogos. Corte e junte algumas tomadas de maneiras diferentes para ver como o efeito geral muda. Encontre inspiração por meio do próprio ato de fazer filmes.

Espero que esse guia venha de alguma maneira ilustrar a maneira de montar um filme, peça por peça. Não espere que o produto final pareça um antigo sucesso de Hollywood – há uma razão para aqueles filmes custarem centenas de milhões de dólares para serem feitos. Mas não importa se você é John Ford ou Martin Scorsese ou se você obteve uma GoPro no Natal – a linguagem essencial do cinema permanece constante, mas também totalmente maleável. Aprenda as regras antes de quebrá-las. Agora que os equipamentos básicos podem ser obtidos a custos insignificantes, não há desculpas para não digitalizar esses sonhos cinematográficos. Se o Spielberg de 15 anos de idade estivesse saindo daquele escritório hoje, você pode apostar que ele estaria filmando com seu celular naquela mesma tarde. Ele talvez não tivesse terminado o *Jurassic Park*, mas todos devem começar em algum lugar.

Preparativos

1. Dividindo as tarefas

“A partir de agora, será organização total.”

— TRAVIS BICKLE, *TAXI DRIVER*

Isso pode soar como afirmação do óbvio, mas você não pode subestimar a necessidade de preparação quando se trata de dar vida a um roteiro. Cada detalhe de sua produção deve ser pensado com antecedência. Pegue uma caneta e um bloco de papel. Analise seu roteiro linha por linha, sílaba por sílaba, momento por momento.

A última coisa que você deseja é perder um dia de filmagem enquanto procura um adereço cênico que deve ser parte integrante de uma cena. A má preparação custa tempo, energia e dinheiro. É provável que você encontre problemas durante a filmagem que exigirão improvisação, e esses problemas serão mais bem superados se você conhecer todos os detalhes de sua produção por dentro e por fora.

Cena por cena

- Pense em seu filme como um prato que você está prestes a cozinhar. Faça uma lista de compras. Inclua todos os ingredientes, desde a locação até os figurinos, adereços cênicos e maquiagem. Quantos atores estão na cena? Que adereços eles estão usando? A que horas do dia ocorre a cena?
- Prepare um orçamento. Organize um cronograma de filmagem, que é um calendário de todas as tomadas que você precisa fazer e quanto tempo você tem para fazê-las. Isso ajudará a comunicar seus requisitos aos colaboradores. Eles minimizam o risco de problemas.
- Cada cena representa uma série de problemas que deve ser resolvida.
- Quanto mais você puder resolver antecipadamente, menos você terá que resolver no grande dia.



2. Storyboards

Para entrar na mentalidade mais visual do cinema, tudo o que você precisa é uma caneta, papel e uma pequena dose de imaginação.

Dizem que Alfred Hitchcock considerava um filme feito e concluído no momento em que ele completava seu *storyboard*. Filmar o filme em si era uma mera tecnicidade. Embora isso possa ser interpretado como um conto de fadas, a realidade é que Hitchcock raramente se preocupava em olhar pelo visor da câmera no *set*. Ele preferia organizar suas tomadas bem antes da produção. É extraordinário ver o quão estreitamente uma cena acabada se alinha com sua concepção inicial.

O *storyboard* é uma ferramenta vital

- Ele lhe força a pensar onde você pode colocar a câmera para determinada tomada.
- Ele mostra como essas tomadas podem depois ser cortadas para produzir uma cena fluida.
- É um meio eficaz de comunicar ideias aos colaboradores.

O filme é uma mídia visual. Com frequência, é muito mais simples esboçar o que você está buscando do que tentar descrever as imagens que deseja capturar.

Você não precisa ser um mestre da ilustração para passar suas ideias visuais para o papel. Muitos *storyboards* assumem a forma de desenhos de linhas simples que mostram o ângulo da câmera e o sentido do quadro em seus termos mais básicos.

Um *storyboard* é uma história em quadrinhos rudimentar que conta a história de seu filme em imagens. É uma oportunidade para experimentar diferentes maneiras de capturar uma cena antes de chegar ao *set*. É uma maneira de experimentar e testar ideias. Você não precisa segui-lo à risca, mas conhecer a estrutura visual básica de uma cena garante que não haja desperdício de tempo na hora de filmar.

IMAGEM PERFEITA

Alfred Hitchcock – um dos mais diligentes criadores de *storyboards* do cinema.